

História Económica da Globalização: Uma Introdução

Marc Jacquinet

Julho de 2025; uc 43018

CC-BY-NC

Texto elaborado ao longo de 2020 a 2025. Aspetos mais controversos serão dados nas aulas, aqui nós limitamos aos temas de base. Uso apenas no contexto da uc 43018 ou 23002

Resumo

A globalização económica representa um dos fenómenos mais complexos e transformadores da história humana, caracterizando-se pela crescente integração de mercados, sistemas produtivos e fluxos financeiros à escala mundial. Este texto examina os fundamentos conceptuais e a evolução histórica da globalização económica, explorando as suas múltiplas dimensões e as controvérsias interpretativas que envolvem a sua periodização e caracterização. Através de uma análise crítica das principais correntes historiográficas, procura-se estabelecer um quadro teórico-conceptual que permita compreender a globalização não como um processo linear e homogéneo, mas como um conjunto complexo de transformações estruturais que moldam a economia mundial contemporânea.

1. Introdução: Definindo a Globalização Económica

A globalização económica constitui um processo multidimensional de integração crescente das economias nacionais num sistema económico mundial cada vez mais interconectado e interdependente (Allen 2011; Held et al., 1999). Esta definição, embora amplamente aceite, encerra em si mesma uma complexidade conceptual que tem gerado intensos debates académicos sobre a natureza, cronologia e impactos deste fenómeno.

Segundo Kenichi Ohmae (1995), a globalização representa a emergência de uma economia mundial "sem fronteiras", onde as barreiras tradicionais ao comércio, investimento e fluxos de informação se dissolvem progressivamente. Esta perspectiva, contudo, tem sido contestada por autores como Paul Hirst e Grahame Thompson (1996), que argumentam que a economia mundial actual não é substancialmente mais integrada do que a existente no período anterior à Primeira Guerra Mundial, questionando assim a própria novidade do fenómeno globalizador.

A controvérsia em torno da definição e cronologia da globalização reflecte, em grande medida, as diferentes abordagens metodológicas e pressupostos teóricos adoptados pelos distintos investigadores.

Enquanto alguns economistas e historiadores económicos privilegiam uma perspectiva quantitativa, baseada em indicadores de comércio internacional, fluxos de capital e migração (O'Rourke e Williamson, 1999), outros adoptam uma abordagem mais qualitativa, centrada nas transformações estruturais dos sistemas produtivos e nas mudanças institucionais (Gereffi e Korzeniewicz, 1994).

2. Perspectivas Historiográficas sobre a Globalização

2.1 A Escola da Longa Duração

Uma das correntes historiográficas mais influentes na análise da globalização económica é a que enfatiza a longa duração deste processo, situando as suas origens nos primeiros contactos comerciais entre civilizações distintas. Fernand Braudel (1979), pioneiro desta abordagem, identifica no século XVI o momento de emergência de uma "economia-mundo" centrada no Mediterrâneo e posteriormente expandida ao Atlântico.

Immanuel Wallerstein (1974) desenvolve esta perspectiva através da sua teoria do "sistema-mundo moderno", argumentando que a globalização económica teve início no século XV com a expansão europeia e a criação de uma divisão internacional do trabalho baseada na especialização centro-periferia. Segundo Wallerstein, este sistema caracteriza-se pela existência de uma economia mundial unificada, mas politicamente fragmentada em múltiplos Estados nacionais.

Posteriormente, André Gunder Frank e Barry Gills (1993) radicalizam esta perspectiva temporal, argumentando que a globalização económica remonta a cinco mil anos, tendo as suas raízes nos primeiros sistemas comerciais que ligaram a Ásia, África e Europa. Esta abordagem, embora controversa, tem o mérito de chamar a atenção para as continuidades históricas dos processos de integração económica mundial numa perspectiva de longo prazo.

2.2 A Perspectiva da Modernidade Tardia

Em contraste com as abordagens de longa duração, uma segunda corrente historiográfica situa as origens da globalização económica na segunda metade do século XX, associando-a às transformações tecnológicas, políticas e económicas do período pós-Segunda Guerra Mundial. Roland Robertson (1992) defende que a globalização constitui um fenómeno essencialmente contemporâneo, caracterizado pela "compressão do mundo" através das novas tecnologias de comunicação e transporte.

Anthony Giddens (1990) desenvolve uma análise similar, argumentando que a globalização representa uma característica distintiva da modernidade tardia, sendo impulsionada pela separação entre tempo e espaço, pelo desenvolvimento de sistemas especializados de conhecimento e pela reflexividade institucional. Esta perspectiva enfatiza as descontinuidades entre os períodos históricos anteriores e a era contemporânea.

David Harvey (1989) contribui para esta discussão através do conceito de "compressão espaço-temporal", argumentando que a globalização económica contemporânea se distingue qualitativamente de períodos anteriores pela velocidade e intensidade dos fluxos de capital, mercadorias e informação. Segundo Harvey, esta aceleração está intrinsecamente ligada às transformações do capitalismo no final do século XX.

2.3 A Síntese das Ondas de Globalização

Uma terceira abordagem procura sintetizar as perspectivas anteriores através da identificação de múltiplas "ondas" de globalização ao longo da história. Kevin O'Rourke e Jeffrey Williamson (1999) distinguem duas grandes vagas de globalização: a primeira, entre 1870 e 1914, caracterizada pela integração dos mercados de mercadorias e factores de produção; e a segunda, iniciada após 1950, marcada pela liberalização comercial e financeira.

Niall Ferguson (2005) propõe uma periodização mais complexa, identificando quatro fases principais: a era mercantilista (séculos XVI-XVIII), a primeira era liberal (1815-1914), o período de desglobalização (1914-1945) e a segunda era liberal (1945-presente). Esta abordagem tem a vantagem de reconhecer tanto as continuidades quanto as descontinuidades dos processos globalizadores.

Harold James (2001) desenvolve uma análise similar, mas enfatiza os aspectos cíclicos da globalização, argumentando que os processos de integração económica mundial são periodicamente interrompidos por crises, guerras e mudanças políticas que provocam movimentos de "desglobalização".

3. Dimensões Económicas da Globalização

3.1 Integração Comercial

A integração comercial constitui uma das dimensões mais visíveis e mensuráveis da globalização económica. O crescimento exponencial do comércio internacional ao longo dos últimos dois séculos reflecte a progressiva redução de barreiras tarifárias e não-tarifárias, bem como os avanços tecnológicos nos transportes e comunicações (Findlay e O'Rourke, 2007).

Os dados estatísticos revelam que o rácio entre comércio internacional e produto interno bruto mundial passou de aproximadamente 10% em 1870 para cerca de 30% no final do século XX (Maddison, 2001). Esta evolução, contudo, não foi linear, tendo sido interrompida pelos dois conflitos mundiais e pela Grande Depressão dos anos 1930.

A criação de instituições multilaterais como o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT) em 1947 e posteriormente a Organização Mundial do Comércio (OMC) em 1995 institucionalizou o processo de liberalização comercial, estabelecendo regras e mecanismos de resolução de conflitos que facilitaram a expansão do comércio internacional (Hoekman e Kostecki, 2001).

3.2 Fluxos de Capital e Integração Financeira

A liberalização financeira representa outra dimensão fundamental da globalização económica contemporânea. Maurice Obstfeld e Alan Taylor (2004) demonstram que a mobilidade internacional de capitais atingiu níveis sem precedentes nas últimas décadas do século XX, superando mesmo os registados durante a "idade dourada" da globalização (1870-1914).

O desenvolvimento de mercados financeiros globais foi impulsionado por factores como a desregulamentação dos sistemas financeiros nacionais, a inovação em instrumentos financeiros e o avanço das tecnologias de informação. Saskia Sassen (1991) analisa como as "cidades globais" se

tornaram centros de comando da economia mundial, concentrando os principais mercados financeiros e sedes de empresas multinacionais.

Susan Strange (1986) introduz o conceito de "diplomacia financeira" para descrever como os fluxos internacionais de capital se tornaram um instrumento de poder político e económico, influenciando as políticas governamentais e a soberania dos Estados nacionais.

3.3 Transformações Produtivas e Cadeias Globais de Valor

A reestruturação dos sistemas produtivos à escala global constitui uma característica distintiva da globalização económica contemporânea. Gary Gereffi (1994) desenvolve o conceito de "cadeias globais de mercadorias" para analisar como a produção se organiza através de redes transnacionais que fragmentam os processos produtivos em múltiplas localizações geográficas.

A emergência de cadeias globais de valor transformou a natureza do comércio internacional, com uma proporção crescente das trocas comerciais a ocorrer dentro das próprias empresas multinacionais ou entre empresas integradas em redes produtivas complexas (Baldwin, 2016). Este fenómeno, designado por "nova teoria do comércio internacional", requer novos instrumentos conceptuais para compreender a integração económica mundial.

Michael Porter (1985) contribui para esta análise através do conceito de "cadeia de valor", demonstrando como as empresas podem otimizar a sua competitividade através da desagregação geográfica das suas actividades produtivas. Esta estratégia é facilitada pelos avanços nas tecnologias de informação e comunicação, que permitem a coordenação de actividades produtivas dispersas geograficamente.

4. Controvérsias e Debates Contemporâneos

4.1 O Debate sobre os Benefícios e Custos da Globalização

A avaliação dos impactos económicos da globalização tem gerado intensos debates académicos e políticos. Os defensores da globalização, como Jagdish Bhagwati (2004), argumentam que a integração económica mundial promove o crescimento económico, reduz a pobreza e facilita a transferência de tecnologia entre países.

Em contrapartida, críticos como Joseph Stiglitz (2002) alertam para os riscos da globalização desregulada, incluindo o aumento da desigualdade, a instabilidade financeira e a erosão da capacidade regulatória dos Estados nacionais. Stiglitz argumenta que as instituições internacionais dominantes promovem políticas que beneficiam principalmente os países desenvolvidos e as elites económicas.

Dani Rodrik (2011) desenvolve o conceito de "trilema da globalização", argumentando que é impossível compatibilizar simultaneamente a globalização económica, a democracia política e a soberania nacional. Esta perspectiva sugere que as sociedades devem fazer escolhas difíceis sobre o grau de integração económica internacional que desejam.

4.2 A Questão da Convergência ou Divergência Económica

Um dos debates centrais na literatura sobre globalização económica refere-se aos seus efeitos sobre a convergência ou divergência dos níveis de desenvolvimento entre países. A teoria económica neoclássica prediz que a integração económica mundial deve promover a convergência através da equalização dos preços dos factores de produção (Samuelson, 1948).

Contudo, evidência empírica apresenta resultados contraditórios. Enquanto alguns estudos documentam processos de convergência condicional entre grupos de países (Barro e Sala-i-Martin, 2004), outros identificam tendências de divergência crescente, particularmente entre países desenvolvidos e países menos desenvolvidos (Pritchett, 1997).

Paul Krugman (1991) contribui para este debate através da "nova geografia económica", demonstrando como os processos de integração económica podem promover tanto a concentração quanto a dispersão das actividades económicas, dependendo das características específicas dos sectores e regiões envolvidos.

4.3 Globalização e Sustentabilidade Ambiental

A relação entre globalização económica e sustentabilidade ambiental constitui uma área emergente de investigação e debate. Herman Daly (1996) argumenta que a globalização económica é fundamentalmente incompatível com a sustentabilidade ambiental, uma vez que promove o crescimento exponencial do consumo de recursos naturais numa biosfera finita.

Em contrapartida, outros investigadores argumentam que a globalização pode facilitar a transferência de tecnologias limpas e promover padrões ambientais mais elevados através da convergência regulatória (Porter e van der Linde, 1995). Esta perspectiva enfatiza o potencial da inovação tecnológica e da cooperação internacional para conciliar crescimento económico e protecção ambiental.

A emergência do conceito de "desenvolvimento sustentável" nas últimas décadas reflecte a tentativa de encontrar um equilíbrio entre os imperativos económicos da globalização e os limites ecológicos do planeta (Meadows et al., 1972).

5. Conclusões

A análise da história económica da globalização revela a complexidade e multidimensionalidade deste fenómeno, que não pode ser reduzido a uma narrativa linear de progresso ou integração crescente. As diferentes perspectivas historiográficas examinadas demonstram que a globalização económica é melhor compreendida como um processo cíclico e descontínuo, caracterizado por fases de integração e desintegração que reflectem mudanças nas condições políticas, tecnológicas e institucionais.

As controvérsias contemporâneas sobre os benefícios e custos da globalização reflectem não apenas diferenças metodológicas ou ideológicas, mas também a natureza intrinsecamente contraditória deste processo. A globalização económica gera simultaneamente oportunidades de crescimento e desenvolvimento, bem como riscos de instabilidade, desigualdade e degradação ambiental.

A compreensão histórica da globalização económica é essencial para informar os debates contemporâneos sobre a governação da economia mundial. As lições do passado sugerem que a sustentabilidade dos processos de integração económica internacional depende da capacidade das

sociedades desenvolverem instituições e políticas que maximizem os benefícios da globalização enquanto minimizam os seus custos e riscos.

O futuro da globalização económica permanece incerto, face aos desafios contemporâneos como a pandemia de COVID-19, as tensões geopolíticas crescentes, as preocupações ambientais e o ressurgimento de movimentos políticos nacionalistas e proteccionistas. A análise histórica sugere, contudo, que a globalização económica é um processo resiliente que se adapta continuamente às mudanças das condições históricas, assumindo formas e características diferentes em diferentes períodos.

Bibliografia

- Allen, R. C. (2011). *Global economic history: A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press
- Baldwin, R. (2016). *The Great Convergence: Information Technology and the New Globalization*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Barro, R. J., & Sala-i-Martin, X. (2004). *Economic Growth*. 2nd edition. Cambridge, MA: MIT Press.
- Bhagwati, J. (2004). *In Defense of Globalization*. New York: Oxford University Press.
- Braudel, F. (1979). *Civilisation matérielle, économie et capitalisme, XVe-XVIIIe siècle*. 3 volumes. Paris: Armand Colin.
- Daly, H. (1996). *Beyond Growth: The Economics of Sustainable Development*. Boston: Beacon Press.
- Ferguson, N. (2005). "Sinking Globalization". *Foreign Affairs*, 84(2), 64-77.
- Findlay, R., & O'Rourke, K. H. (2007). *Power and Plenty: Trade, War, and the World Economy in the Second Millennium*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Frank, A. G., & Gills, B. K. (1993). *The World System: Five Hundred Years or Five Thousand?* London: Routledge.
- Gereffi, G. (1994). "The Organization of Buyer-Driven Global Commodity Chains". In G. Gereffi & M. Korzeniewicz (Eds.), *Commodity Chains and Global Capitalism* (pp. 95-122). Westport, CT: Praeger.
- Gereffi, G., & Korzeniewicz, M. (Eds.). (1994). *Commodity Chains and Global Capitalism*. Westport, CT: Praeger.
- Giddens, A. (1990). *The Consequences of Modernity*. Cambridge: Polity Press.
- Harvey, D. (1989). *The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change*. Oxford: Blackwell.
- Held, D., McGrew, A., Goldblatt, D., & Perraton, J. (1999). *Global Transformations: Politics, Economics and Culture*. Cambridge: Polity Press.

- Hirst, P., & Thompson, G. (1996). *Globalization in Question: The International Economy and the Possibilities of Governance*. Cambridge: Polity Press.
- Hoekman, B. M., & Kostecki, M. M. (2001). *The Political Economy of the World Trading System*. 2nd edition. Oxford: Oxford University Press.
- James, H. (2001). *The End of Globalization: Lessons from the Great Depression*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Krugman, P. (1991). "Increasing Returns and Economic Geography". *Journal of Political Economy*, 99(3), 483-499.
- Maddison, A. (2001). *The World Economy: A Millennial Perspective*. Paris: OECD Development Centre.
- Meadows, D. H., Meadows, D. L., Randers, J., & Behrens, W. W. (1972). *The Limits to Growth*. New York: Universe Books.
- Obstfeld, M., & Taylor, A. M. (2004). *Global Capital Markets: Integration, Crisis, and Growth*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ohmae, K. (1995). *The End of the Nation State: The Rise of Regional Economies*. New York: Free Press.
- O'Rourke, K. H., & Williamson, J. G. (1999). *Globalization and History: The Evolution of a Nineteenth-Century Atlantic Economy*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Porter, M. E. (1985). *Competitive Advantage: Creating and Sustaining Superior Performance*. New York: Free Press.
- Porter, M. E., & van der Linde, C. (1995). "Toward a New Conception of the Environment-Competitiveness Relationship". *Journal of Economic Perspectives*, 9(4), 97-118.
- Pritchett, L. (1997). "Divergence, Big Time". *Journal of Economic Perspectives*, 11(3), 3-17.
- Robertson, R. (1992). *Globalization: Social Theory and Global Culture*. London: Sage.
- Rodrik, D. (2011). *The Globalization Paradox: Democracy and the Future of the World Economy*. New York: W. W. Norton & Company.
- Samuelson, P. A. (1948). "International Trade and the Equalisation of Factor Prices". *Economic Journal*, 58(230), 163-184.
- Sassen, S. (1991). *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Stiglitz, J. E. (2002). *Globalization and Its Discontents*. New York: W. W. Norton & Company.
- Strange, S. (1986). *Casino Capitalism*. Oxford: Basil Blackwell.

Wallerstein, I. (1974). *The Modern World-System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press.